

REFLETINDO SOBRE A EDUCAÇÃO E O TRABALHO DA ENFERMAGEM À LUZ DAS IDÉIAS DE PAULO FREIRE: A POSSIBILIDADE DE UM NOVO OLHAR PARA A EDUCAÇÃO

Michelle da Silveira Chapacais Szewczyk *

Fernanda Lucas Lopes **

Maria Elisabeth Carvalho Cestari ***

Silvana Sidney Costa Santos ****

Valéria Lerch Lunardi *****

RESUMO

Refletir sobre a educação em enfermagem, sendo esta uma profissão que educa e é educada. Trata-se de uma discussão teórica, à luz das idéias de Paulo Freire, que propõe uma pedagogia libertadora e problematizadora, sendo essa filosofia uma importante contribuição para que a educação seja entendida como uma ação política e potencialmente transformadora da realidade social. A educação acontece a todo o tempo na relação dos sujeitos uns com os outros, com o mundo e consigo mesmo, é um processo histórico, social, cultural e permanente. Destaca-se a necessidade dos docentes e discentes dos cursos de graduação em enfermagem refletirem mais profundamente acerca dessa formação, voltando seu olhar para a construção de um processo de ensino-aprendizagem que os valorize como sujeitos da produção do saber. Essa reflexão não se encerra aqui, é apenas o começo do caminho que é necessário percorrer na busca por *ser mais*.

Palavras-chave: Educação. Enfermagem. Educação em enfermagem.

INTRODUÇÃO

O ser humano é um ser social inserido em um contexto socioeconômico-cultural que influencia suas relações com o mundo. Os valores, conceitos, concepções e crenças condicionam a forma de estar no mundo e, ao mesmo tempo, são condicionados pelo mundo em que se vive. As pessoas encontram-se constantemente em pleno processo educativo, do outro e de si mesmos,

num movimento permanente, em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos (FREIRE, 2005, p. 85).

Além da educação que acontece no dia a dia, nas relações sociais, existe a educação formal, que tem lugar nas escolas e se pauta em teorias, discussões e análises. No entanto, é na prática, na relação entre quem ensina e quem aprende, que a educação formal se concretiza. Pensar sobre a educação requer

uma reflexão sobre sua prática que pode ser transformadora, mutável e inconclusa.

Atualmente, ouve-se muito falar na crise da *educação formal*. É possível compreender essa crise considerando que pensar acerca da educação atual não é uma tarefa fácil, tendo em vista em que se vivencia uma época caracterizada pela diversidade de pensamentos, paradigmas e ações (FERREIRA, 2003). Muito tem sido escrito, lido, refletido sobre as práticas pedagógicas, as possibilidades de mudanças nas tendências mais tradicionais de ensino, porém é na ação de educar, de ensinar e aprender que essas novas estratégias deveriam se concretizar, o que nem sempre acontece, pelos mais variados motivos.

De acordo com Unicovski e Lautert (1998), o ensino brasileiro, de um modo geral, é alvo de críticas que, associadas ao descontentamento dos professores, tendem a

* Enfermeira do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Correa Jr. da Fundação Universidade Federal do Rio Grande-FURG/RS. Aluna do Mestrado em Enfermagem do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da FURG. E-mail: mchapacais@vetorial.net.

** Enfermeira do Hospital Universitário Dr. Miguel Riet Correa Jr. da Fundação Universidade Federal do Rio Grande-FURG/RS. Aluna do Mestrado em Enfermagem do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da FURG.

*** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento e Mestrado em Enfermagem da FURG. Coordenadora do Mestrado em Enfermagem.

**** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento e Mestrado em Enfermagem da FURG.

***** Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento e Mestrado em Enfermagem da FURG.

evidenciar um momento de transição, um momento de resgate de valores. Lunardi e Borba (1998) destacam o projeto pedagógico como um processo contínuo e educativo, que possibilita a reflexão, (re)ação e a (re)construção. As mesmas autoras apontam ainda a participação na construção de uma proposta desse nível como sendo também um exercício de cidadania, um momento em que os sujeitos participantes manifestam suas crenças, seus valores, buscando um consenso e o entendimento de que os limites da liberdade se fazem concretos na relação com o outro.

Refletir criticamente acerca da prática desenvolvida é uma exigência, pois sem isso a teoria torna-se mero discurso e a prática puro ativismo (FREIRE, 2004). Entende-se que os sujeitos implicados nos diferentes processos de ensino-aprendizagem ainda estão muito impregnados pela idéia de que há os que ensinam e há os que aprendem, em lados distintos dessa relação. Os sujeitos, tanto os que estão em “formação” quanto os que “formam”, precisam assumir-se, desde o início, também como sujeitos da produção do saber, convencendo-se de que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção. Ensinar é uma ação por meio da qual um sujeito dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não existe a docência sem a discência. As duas se explicam e se complementam, e apesar de suas diferenças, uma não se reduz à condição de objeto da outra (FREIRE, 2004).

Se for verdade, então, que se ensina e se aprende uns com os outros no convívio diário, também é verdade que em certas profissões desenvolvem-se atividades caracteristicamente educativas. Os enfermeiros e enfermeiras, membros de uma equipe, exercem papel fundamental na promoção da saúde de homens e mulheres. Esses profissionais podem desenvolver conscientemente um trabalho de educação em saúde, desde que ao reconhecerem sua função educadora entendam-se envolvidos nessa tarefa de ensinar e aprender com todos os sujeitos com que se relacionam, homens e mulheres dos mais variados níveis educacionais, culturais, sociais e econômicos.

Ao procurar compreender o interesse pelas questões educativas, é fácil perceber como elas fazem parte da construção profissional dos enfermeiros e enfermeiras, embora às vezes aparentemente nem os próprios enfermeiros e enfermeiras, assim como os educadores e educadoras desses profissionais, tenham essa consciência. Refletir sobre o próprio fazer é um passo importante a ser dado pelos docentes em busca de uma prática educativa que contribua para a formação de profissionais críticos, reflexivos, questionadores, compromissados e humanos. Refletir acerca dessa questão não é somente uma busca por justificativas, mas acima de tudo descobrir o que está sendo feito e o que idealmente se deseja fazer (CESTARI, 1999).

A proposta de formação de uma nova enfermeira pode exigir que a docente, como enfermeira, se disponha a imergir num processo de (des)construir-se, também, como uma enfermeira que sabe como aprender e avançar e, mais do que isso, se disponha a pensar, o que implica duvidar, questionar, criticar e aventar novas possibilidades quanto ao seu fazer (LUNARDI; BORBA, 1998, p. 178).

Ao realizar esta breve discussão teórica, pretende-se, à luz das idéias de Paulo Freire, refletir sobre a educação em enfermagem, sendo esta uma profissão que educa/é educada. A necessidade de refletir sobre essa prática surgiu da condição de educadoras/educandas como também de trabalhadoras, entendendo-a como uma possibilidade de implicar-se como sujeito histórico e social na busca por *ser mais*. Entende-se que *ser mais*, expressão originariamente freireana, refere-se à possibilidade do sujeito desenvolver suas potencialidades, interagir com o mundo e com os sujeitos nele inseridos, buscando ser melhor. Não se trata de ser melhor do que o outro, enquanto mundo competitivo, mas melhor do que si mesmo. Aprimorar-se, não se negar enquanto ser histórico e social, enquanto humano. Sentir-se inconcluso, inacabado e ir em busca de todas as suas capacidades criadoras e reflexivas

quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 2004, p. 18).

Paulo Freire: um educador crítico social

Na história da educação brasileira predominou, e ainda predomina, o ensino denominado tradicional, que consiste na transmissão unidirecional de conhecimentos que devem ser repetidos e devolvidos aos professores e professoras mediante provas e testes como meio de verificar o aprendizado após sua memorização. Isto, ainda hoje, parece ocorrer nos sistemas de ensino, mesmo sendo anunciadas novas propostas pedagógicas, centradas nos interesses dos educandos e educandas. De acordo com Reibnitz (1998), é fundamental, em uma proposta curricular, o engajamento docente e discente, de modo que todos possam crescer em conjunto, compreendendo-se como sujeitos do processo ensino-aprendizagem, visto que tanto os docentes quanto os discentes estão aprendendo, compartilhando conhecimentos e crescendo como indivíduos sociais.

Por que será que existem tantas dificuldades para mudar os sistemas educacionais se os educadores, muitas vezes, manifestam-se insatisfeitos com a realidade educacional em que estão inseridos? Uma entre tantas respostas possíveis é a dificuldade dos próprios educadores em construir um novo sentido para sua profissão, sentido este que estaria ligado à própria função da escola na sociedade. Pensar a sociedade como capaz de desenvolver ações efetivas no sentido de mudar atitudes e crenças poderia contribuir para a concretização de um novo paradigma do saber.

Pode-se entender paradigma como um modelo de ciência que durante um período demarcado de tempo serve como referência ao fazer científico. Poderá, talvez, com o passar do tempo ser substituído por outro modelo que atenda melhor às exigências da época, mas nem por isso deixará de existir. Em outras palavras, é um conjunto de concepções que constituem o modo de pensar dos sujeitos em uma determinada época, influenciando a forma como estes vêem o mundo. Ou seja, é um conjunto de conceitos inter-relacionados que constituem referências que possibilitam observar, compreender determinado problema em suas características básicas e orientar possíveis soluções (FERREIRA, 2003).

Em meados do século XX, surgiu o Paradigma Crítico Social, que tem por base os princípios filosóficos do construtivismo social e questiona as bases do positivismo. O propósito do investigador situado nessa perspectiva paradigmática é a crítica e a transformação das estruturas sociais, políticas, culturais, econômicas, étnicas e de gênero que limitam e excluem uma parte da humanidade, desencadeando enfrentamentos e conflitos (BOVER BOVER, 2002). A defesa dos grupos menos favorecidos pelas estruturas sociais vigentes é um dos conceitos-chave na produção de conhecimento no Paradigma Crítico-Social. A mudança social é facilitada ao desenvolverem-se nos indivíduos uma percepção aguda (*insight*) sobre a situação atual das coisas e estimulá-los a atuar sobre isso.

Nesse paradigma, utiliza-se o diálogo dialético entre investigador e investigado para transformar a ignorância e os conceitos errôneos, aceitos como imutáveis e não como resultantes de estruturas sociais historicamente mediadas, em uma consciência mais informada. Desta forma, o investigador busca, junto com o investigado, modos de modificar as estruturas existentes, entendendo as ações necessárias para efetuar essa mudança. A transformação pode ser entendida como resultado da ação e da reflexão sobre a realidade, apontando para a criação de uma nova realidade, ou seja, “ação voltada para o ato de criar e recriar o mundo, modificando a realidade” (SAUPE; BRITO; GIORGI, 1998, p. 256). O investigador atua como mediador, utilizando a comunicação entre ele e o sujeito investigado como parte do processo de criação do conhecimento cujo objetivo é aumentar a consciência das pessoas sobre sua realidade e sobre como podem transformá-la: valor do altruísmo e do *empowerment* (BOVER BOVER, 2002).

Frente a essas características, pode-se afirmar que Paulo Freire, um dos autores mais lido, discutido, criticado, odiado e amado no Brasil e no mundo, encontra-se situado no Paradigma Crítico Social. Saupe, Brito e Giorgi (1998) consideram Freire um verdadeiro educador de seu tempo, incompreendido por muitos. Foi exilado, reconhecido e elogiado em todo o mundo e, ao

voltar para seu país, continuou sua obra pela melhoria da educação, buscando ultrapassar os obstáculos que dificultam aos sujeitos sua busca por *ser mais*. Suas idéias e estudos constituíram a possibilidade de um pensar autônomo relativo ao sistema educacional. Freire propõe uma

[...] pedagogia libertadora e problematizadora, ultrapassa os limites da educação enquanto disciplina social e passa a ser entendida também, como uma forma de ler o mundo, refletir sobre a leitura e recontá-lo, transformando-o pela ação consciente (SAUPE; BRITO; GIORGI, 1998, p. 249).

Sua filosofia, assim como a de outros educadores, contribuiu para que a educação formal fosse entendida como uma ação política e potencialmente transformadora da realidade social, embora essa visão tenha sido percebida de forma equivocada por muitos educadores (BARBA; RODRIGUES, 2003). Freire defendeu uma educação multicultural, ética, transformadora e libertadora (MIRANDA; BARROSO, 2003). Mais do que lidas, suas concepções merecem ser vivenciadas, pois é na prática que ganham sentido e profundidade (CESTARI, 1999). Suas idéias mantêm-se vivas até hoje, mesmo após sua morte ocorrida em 1997, e podem ser aplicadas nas mais diversas áreas do conhecimento como, nesse caso, a enfermagem.

Educação e enfermagem: a possibilidade de um novo olhar à luz das idéias de Paulo Freire

Refletir sobre educação, em seu sentido mais amplo, faz refletir sobre a existência no mundo, como seres sociais, inseridos em um contexto socioeconômico-cultural que influencia e é influenciado. É importante que se constitua uma análise sistemática e contínua em busca do crescimento, do aperfeiçoamento, da transformação da realidade atual e em uma realidade melhor, em que os sujeitos valorizem e sejam valorizados não pelo que têm, mas pelo que são.

Unicovski e Lautert (1998, p. 224) asseveram que

a educação é uma atividade de investimentos realizada com o objetivo de capacitar, oferecer satisfação e incrementar rendimentos futuros do indivíduo, como agente produtivo na sociedade.

A educação é um processo histórico, social, cultural e permanente. Acontece a todo o tempo, na relação dos sujeitos uns com os outros, com o mundo e consigo mesmos. Idealmente, não deveria haver verticalidade nessa relação, pois “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2004, p. 23). É importante entender que cada um desses sujeitos, homens e mulheres que se relacionam e se educam, tem sua história de vida, uma leitura de mundo que o torna singular, que influencia a maneira como está no mundo e com o mundo.

Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando (FREIRE, 2004, p. 33).

Parece excluída da educação em seu sentido formal, institucional, toda história de vida que esses sujeitos (os que “educam” e os que são “educados”) carregam. Faz parte dessa história a linguagem, o comportamento, os hábitos de vida, as preferências de lazer, entre outras tantas coisas que constroem os sujeitos a partir do compartilhamento de saberes com os pais, os familiares, os amigos, desde o nascimento. É um tipo de educação que acontece sem que muitas vezes se tenha a consciência de que isso também é educar. É essa educação não-formal, fora de uma instituição, que ensina sobre a vida, sobre os sentimentos, sobre o amor que deveria existir com mais força entre os homens e mulheres, que mostra a beleza de ser humano, de ser histórico, que busca uma transformação que leve ao desenvolvimento, em que não existam mais oprimidos e opressores, mas homens e mulheres capazes de trilhar seu próprio caminho (SAUPE; BRITO; GIORGI, 1998).

O que parece é que, muitas vezes, entende-se a educação como uma realidade apenas das escolas, das instituições formais de construção do saber determinada por currículos, leis, diretrizes. Um espaço em que homens e

mulheres, possuidores de um corpo científico e de saberes adquiridos também em um espaço formal, podem ensinar outros homens e mulheres que querem ou precisam aprender. A educação formal é indispensável à construção do ser humano como sujeito histórico, político e social e, portanto, a escola é local de compartilhamento de saberes. No entanto, a educação acontece em outros espaços, é parte da atividade de outros profissionais. Os sujeitos envolvidos nos processos de ensino aprendizagem, em especial os docentes, necessitam entender que ensinar não é apenas um dom, mas uma ciência que exige domínio, ou pelo menos, conhecimento aprofundado de várias habilidades e saberes (CESTARI, 1999).

Considera-se muito presente, no exercício profissional dos enfermeiros e enfermeiras, a atividade educativa tendo em vista que se educa e se é educado constantemente pelos pacientes, familiares/acompanhantes, pela equipe de enfermagem do turno em que se trabalha, assim como pelos trabalhadores dos outros turnos, de outros setores, pela equipe médica, pelo serviço de nutrição, de fisioterapia, pela assistência social, pela administração, pelos serviços de apoio, pelos alunos e alunas da graduação em várias áreas, assim como dos cursos de formação de técnico de enfermagem, entre outros sujeitos não mencionados.

É importante salientar que cada um desses sujeitos tem uma linguagem própria, e o diálogo só pode se constituir se se acreditar na horizontalidade das relações. Não é possível o diálogo se se vê a ignorância sempre no outro e nunca em si mesmo. Não é possível o diálogo quando homens e mulheres admitem-se donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são sujeitos inferiores. Não há diálogo se se é fechado às contribuições dos outros, jamais as reconhecendo como importantes e até se ofendendo com elas (FREIRE, 2005).

O reconhecimento da situação de opressão estabelecida entre quem ensina e quem aprende e a consciência da necessidade de mudança não são suficientes para, de fato, mudar essa situação. Educadores, por exemplo, podem ainda estar impregnados com as práticas pedagógicas tradicionais, mesmo

que se digam renovadores, construtivistas, libertadores, ainda carregam cicatrizes de seu próprio processo educativo, conservando um estilo por eles mesmos condenado. Reibnitz (1998) pontua que a regulamentação de um currículo mínimo é uma tentativa de formar profissionais mais críticos, inseridos no processo histórico-social, capacitados para atuar de modo efetivo na transformação da realidade precária de saúde de uma grande parcela da população. Cabe às escolas apresentar aos alunos o real contexto em que a enfermagem está inserida por intermédio de exercícios reflexivos. Reibnitz (1998), porém, acredita que não basta apenas a inserção de novas disciplinas, faz-se importante que o corpo docente sinta-se motivado e preparado para as mudanças esperadas e necessárias.

A libertação é difícil e dolorosa porque faz refletir, analisar um comportamento socialmente aceitável para transformá-lo em um comportamento libertador, construtor de relações integradas. É a necessidade de refletir-agir-refletir sobre o mundo para modificá-lo que inclui homens e mulheres enquanto parte do mundo. Para que isso seja possível, esses educadores, entre eles os enfermeiros, ao se reconhecerem oprimidos e violentados em sua vocação de *ser mais*, precisam conscientemente viabilizar maneiras de transformar essa realidade opressora, comprometendo-se com o processo de libertação.

Freire defendeu a educação como prática libertadora, solidária, dialógica, cujos saberes são articulados, assim como os conhecimentos, as vivências, traduzindo-se em um trabalho coletivo (FREIRE, 2005). A educação não deve ser entendida como uma prática neutra, mas sim como uma ação intencional com múltiplos objetivos e que, portanto, merece respeito assim como educadores e educandos. Respeito por parte das administrações públicas ou privadas, de uns pelos outros, assumidamente. E é por isso que é necessário lutar, sem cansaço. Por esse respeito, de todos e para todos. Não pode haver neutralidade quando homens e mulheres viram objeto de descaso (FREIRE, 2004). Concorde-se com Reibnitz (1998) quando este evidencia a relevância da educação direcionar-se para a construção de

um modo de aprender vinculado aos aspectos positivos do comportamento humano. A autora aborda que

[...] o processo educativo precisa estar voltado prioritariamente para o crescimento pessoal dos indivíduos, voltado também para o relacionamento interpessoal (REIBNITZ, 1998, p. 205),

desenvolvendo nos alunos todas as suas potencialidades.

Entende-se que a enfermagem precisa lutar pelo respeito a si, enquanto classe trabalhadora, científica, capaz de realizar um trabalho libertador, dialógico, articulando saberes. Os homens e mulheres que fazem a enfermagem, enquanto não perceberem a importância de seu papel educativo, e conscientes de sua importância responsabilizarem-se pelo seu aprender, valorizarem o diálogo, a comunicação com o outro, com o mundo e consigo mesmos, não serão capazes de modificar sua realidade opressora, reproduzindo esse comportamento com outros sujeitos, entre os quais destacam-se os pacientes, dando continuidade a uma situação nada educativa. Torna-se coerente o entendimento de que a ação e a reflexão estão interligadas, porque a reflexão conduz à ação e esta se torna objeto de reflexão, em um movimento contínuo (CESTARI, 1999). A enfermagem deveria ser pensada assim desde o momento de formação dos futuros profissionais, principalmente pelo fato de que, no decorrer do curso, teoria e prática caminham lado a lado.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de Graduação em Enfermagem apontam para a formação de um profissional crítico, reflexivo, humanista e também educador, articulando o saber, saber fazer, saber conviver, além de aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver como requisitos indispensáveis à formação do enfermeiro (FERNANDES, 2004). Também salientam a necessidade dos profissionais enfermeiros desenvolverem sua capacidade de aprender tanto durante sua formação quanto posteriormente, em sua prática. Ressaltam a importância desses profissionais aprenderem a

aprender e terem responsabilidade e compromisso não somente com a sua educação, mas com a educação das futuras gerações de profissionais em situação de estágios e treinamento, visando ao benefício mútuo para esses futuros profissionais e os profissionais dos serviços, estimulando e desenvolvendo a relação entre os acadêmicos com os profissionais (BRASIL, 2001). Ou seja, o papel educativo do trabalho de enfermeiros está evidenciado nas DCN, sendo necessário que os cursos de graduação preocupem-se com a formação desse profissional educador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas instituições formais de ensino, faz-se atualmente imperativo despertar nos educadores a necessidade de construir junto aos educandos a habilidade de entender a educação de uma nova forma, dialógica, problematizadora e libertadora, que poderá encantar aqueles que estão cansados da educação tradicional e tecnicista. É uma das maneiras possíveis de se resgatar nas salas de aula a beleza, o amor, o indivíduo no lugar do individualismo, o poético, a singularidade e a consciência dos sujeitos enquanto seres históricos, sociais e inconclusos.

Reibnitz (1998), Lunardi e Borba (1998) enfatizam a necessidade de problematizar a prática dos enfermeiros, mas também advertem que essa problematização deve abarcar a prática docente, de modo que se construa uma nova forma de aprendizagem, uma nova forma de relacionamento entre docentes e discentes.

A educação é uma das maneiras mais relevantes e essenciais de transformação dos paradigmas da existência humana, possibilitando aos homens e mulheres uma melhor compreensão do que ocorre com outros homens e mulheres, com o mundo e consigo mesmos, ampliando sua visão de mundo (FERNANDES, 2004). O processo educativo é uma das formas de contribuir para a humanização de homens e mulheres. Os docentes podem atuar estimulando a liberdade e a criatividade, desafiando a razão.

O ensino da enfermagem necessita estar voltado para a formação de um profissional consciente de sua responsabilidade histórica,

traduzida pela reflexão crítica da sociedade e da prática de assistência à saúde, na perspectiva de redirecionamento dessa prática (REIBNITZ, 1998, p. 214).

Esta reflexão não se encerra aqui, pois ainda há muito a ser refletido sobre a educação em seu sentido mais amplo. No entanto, por meio desta é possível entender a necessidade

de refletir mais profundamente acerca da formação de enfermeiros, considerando que estes participarão no processo educativo não só de clientes como de outros profissionais da área da saúde. Esse é apenas o começo do caminho que é necessário percorrer na busca por ser mais.

REFLECTING ON EDUCATION AND NURSING IN THE LIGHT OF PAULO FREIRE'S IDEAS: A POSSIBILITY OF A NEW VIEW FOR THE EDUCATION

ABSTRACT

This is a theoretical discussion, in the light of the ideas of Paulo Freire, on education and the work of nursing as a profession that educates/is educated. Education happens all the time, in the relation of citizens with one another, with the world and with themselves, being a historical, social, cultural and permanent process. Nurses develop an educational role, with both the clients and the health team, therefore, it is important to highlight the necessity to reflect more deeply about their formation. This is only the beginning of the path that is necessary to explore in the search for *being more*.

Key words: Education. Nursing. Nursing education.

REFLETIENDO SOBRE LA EDUCACIÓN Y EL TRABAJO DE LA ENFERMERÍA A LA LUZ DE LAS IDEAS DE PAULO FREIRE: LA POSIBILIDAD DE UNA NUEVA MIRADA A LA EDUCACIÓN

RESUMEN

Este trabajo objetiva reflejar sobre la educación en enfermería, siendo esta una profesión que educa y es educada. Se trata de una discusión teórica, a la luz de las ideas de Paulo Freire. Que propone una pedagogía libertadora y problematizadora con una filosofía que contribuye para que la educación sea entendida como una acción política y potencialmente transformadora de la realidad social. La educación ocurre a todo momento, en la relación de los sujetos, unos con los otros, con el mundo y consigo mismo es un proceso histórico, social, cultural y permanente. Es importante destacar la necesidad de los docentes y discentes de los cursos de graduación en enfermería reflejen más profundamente acerca de esa formación, volviendo su mirada para la construcción de un proceso de enseñanza/aprendizaje que valore como sujetos de la producción del saber. Esa reflexión tampoco cierra aquí, esto es apenas el comienzo del camino que es necesario recorrer en dicha búsqueda.

Palabras Clave: Educación. Enfermería. Educación en enfermería.

REFERÊNCIAS

BARBA, C. H.; RODRIGUES, R. C. S. Filosofia da educação: novas e velhas narrativas. **Primeira Versão**, Porto Velho, n. 138, maio 2003. Disponível em: <<http://www.unir.br/~primeira/artigo138.html>>. Acesso em: 8 jun. 2005.

BOVER BOVER, A. **Cuidadores informales de salud del ámbito domiciliario**: percepciones y estrategias de cuidado ligadas al género y a la generación. 2002. Disponível em: <http://www.tdx.cesca.es/TESIS_UIB/AVAILABLE/TDX-0204105-093133/tabb5de12.pdf> Acesso em: 6 jun. 2005.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação**. Brasília, DF, 2001.

CESTARI, M. E. **Vivenciando um processo educativo**: um caminho para ensinar-aprender e pesquisar. 1999. 171 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem)-Programa de Pós Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

FERNANDES, C. N. S. Refletindo sobre o aprendizado do papel de educador no processo de formação do enfermeiro. **Rev. Latino-am Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 4, p.691-693, jul./ago. 2004. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/rlae>> Acesso em: 8 jun. 2005.

FERREIRA, L. S. Educação, paradigmas e tendências: por uma prática educativa alicerçada na reflexão. **Revista Setrem**, Três de Maio, n. 1, p. 38-46, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LUNARDI, V. L.; BORBA, M. R. O pensar e o fazer da prática pedagógica: a busca de uma nova enfermeira. In: SAUPE, R. (Org.). **Educação em enfermagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. p. 163-186.

MIRANDA, K. C. L.; BARROSO, M. G. T. A contribuição de Paulo Freire à prática e educação crítica em enfermagem. **Rev. Latino-am.**, Ribeirão Preto v. 12, n. 4, p. 691-693, jul./ago. 2004. Disponível em: <<http://www.eerp.usp.br/rlae>> Acesso em: 8 jun. 2005.

REIBNITZ, K. S. Enfermagem: espaço curricular e processo criativo. In: SAUPE, R. (Org.). **Educação em enfermagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. p.187-218.

SAUPE, R.; BRITO, V. H.; GIORGI, M. D. M. Utilizando concepções do educador Paulo Freire no pensar e agir da enfermagem. In: SAUPE, R. (Org.). **Educação em enfermagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. p. 243-272.

UNICOVSKI, M. A. R.; LAUTERT, L. A formação profissional do enfermeiro: reflexão, ação e estratégias. In: SAUPE, R. (Org.). **Educação em enfermagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998. p. 219-242.

Endereço para correspondência: Michelle da Silveira Chapacais Szewczyk. Rua Manoel Pereira de Almeida, 717, Bloco B1, Apto. 201-B, Cidade Nova. CEP: 96.200-440. Rio Grande - RS. E-mail: mchapacais@vetorial.net ou chapacais@yahoo.com.br .

Recebido em: 02/06/2005

Aprovado em: 05/12/2005